

PROSTITUIÇÃO FEMININA: DE DEUSAS A PROFANAS

BORGES, Miria Fernanda Maranhão¹

PETRILLI, Laslei Aparecida Teles²

RESUMO

A prostituição na antiguidade era praticada como ritual sagrado e as prostitutas viviam cercadas de conforto e atenção, associadas a deusas. Com a descaracterização da mulher pelo cristianismo, a sexualidade, antes tida como natural, passa a ser vista um pecado e os rituais sexuais passam a ser entendidos como profanos. Nessa visão, este trabalho faz um resgate bibliográfico desse universo cheio de paradoxos e estigmas para melhor conhecer os cenários da prostituição, a sexualidade feminina e as nuances que envolvem esses conceitos, demonstrando a evolução histórica, social e cultural da prostituição feminina e a perda do significado de sexualidade sagrada para sexualidade profana. Ao final encontrou-se a confirmação das perdas iniciais da sexualidade feminina e se confirmou a atrelagem

¹ Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário UnirG.

² Psicóloga pela Universidade São Francisco, pós-graduada pelo Centro Universitário UnirG.

com a moral e bons costumes vigentes como agentes ainda de discriminações, agrupados com as condições socioeconômicas de mulheres exercendo a prostituição como meio de sobrevivência.

Palavras-chave: Sexualidade feminina. Prostituição feminina. Prostituição e sobrevivência.

FEMALE PROSTITUTION: FROM GODDESS TO PROFANES

ABSTRACT

Prostitution in antique times used to be practiced as a sacred ritual and prostitutes used to live surrounded by comfort and attention. Not rarely, they used to be associated with goddesses. With the loss of characterization of women by christianism, sexuality formerly considered as natural, is now viewed as a sin, and thus, sexual rituals are now understood as profanes. From this viewpoint, this study is an attempt to used the available literature and rescue that universe plenty of paradoxes and stigmas so as to better know the prostitution scenario, the female sexuality and the behaviors and characteristic of those concepts, demonstrating the social, cultural and historical evolution of female prostitution and the loss/transformation of the concept of sacred sexuality to profane sexuality. At the end, this study confirmed the initial losses of the female sexuality and the use of moral and appropriate behaviors as discrimination agents, grouped with the social and economic women conditions working in prostitution as a survival method.

Keywords: Prostitution. Goddess. Female Sexuality.

INTRODUÇÃO

A história sobre a prostituição feminina menciona que durante a antiguidade essas mulheres eram associadas a deusas e, portanto, sagradas. Em troca de favores sexuais recebiam honras e presentes. Eram adoradas e respeitadas, porém tinham que pagar altos impostos ao Estado e deviam se vestir de maneira que as identificassem como tal.

A Reforma Religiosa e as epidemias de doenças sexualmente transmissíveis (principalmente a sífilis) resultaram numa tentativa de acabar com a prostituição – a igreja católica, juntamente com as igrejas protestantes, lançou mão de recursos para lidar com este que foi considerado um problema, levando a prostituição à clandestinidade. (SANAHUJA YII, 2003).

Com o advento do êxodo rural a partir da Revolução Industrial, houve um crescimento das populações nas grandes cidades, com as mulheres passando a somar força no trabalho. Diante da grande desvalorização de sua mão de obra e desumanas condições de trabalho, algumas se rendiam à prostituição em troca de favores de patrões ou capatazes – reavivando, reascendendo esta prática

que permanece até os dias atuais. (SILVA, 2009).

Nesse cenário, este trabalho demonstra a evolução histórica, social e cultural da prostituição feminina e as nuances que envolvem esses conceitos, fundamentado numa visão crítica com relação a esses temas.

MÉTODO

As pesquisas para o desenvolvimento deste artigo de revisão bibliográfica, voltado para a investigação da história da prostituição feminina ao momento atual, foram realizadas em livros, artigos científicos e trabalhos disponibilizados em meio eletrônico (especialmente os sites google books e google acadêmico com uso das palavras sexualidade feminina, deusa, prostituição) entre outras publicações que permeiam o tema. A escolha da literatura pertinente enfatizou a prostituição feminina, sendo excluídos aqueles que permeavam outros tipos de prostituição.

O presente trabalho não foi submetido à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário UnirG por tratar-se de estudo bibliográfico.

A MULHER NA ANTIGUIDADE

Desde o período paleolítico a mulher sempre exerceu grande influência na história da humanidade. De acordo com Armstrong (2005), a era paleolítica foi marcada por uma sociedade masculina agressiva onde a atividade de caçar era exclusivamente dos homens, porém há indícios de que os caçadores mais poderosos eram mulheres.

As mulheres desse período eram comparadas às deusas e possuíam características voltadas para beleza, a paixão, a sedução e a fertilidade. Em cada região e época recebiam nomes diferentes. (QUALLS-CORBERTT, 1990).

Na Suméria a deusa do amor era chamada de *Inana*, e na Babilônia ela era *Star*. Os persas veneravam *Anaíta*, enquanto os cananeus, os hebreus e os fenícios reverenciavam o altar de Anat, também chamada de Astarte ou Astart. No Egito, ela chamava-se Ísis, anteriormente identificada com Hátor. Na Lídia, ela era identificada como Cibele, e os romanos a conheciam como Vênus. Na Grécia, ela era a formosa Afrodite. (QUALLS-CORBERTT, 1990, p. 73).

É importante ressaltar que, independentemente da região, as deusas do amor eram consideradas a materialização da natureza. Segundo Qualls-Corbertt (1990, p. 75) “[...] a deusa do amor era associada com a

primavera, com a natureza desabrochando, com o tempo em que as sementes em repouso explodem em esplendor”.

Essa época foi marcada pelo respeito à consanguinidade materna e ao culto à deusa-mãe, ser espiritual dotado de poder e força, associado à noiva, mãe e amante (ou virgem). Era dada à mulher uma conotação divina que a ligava ao sagrado pelo nascimento dos bebês (que não eram vistos como resultado de relações sexuais) e ao ciclo menstrual (considerado uma incógnita, um mistério incurável, mas não fatal, associado à obra do divino) (SCHÜSSLER, 2010).

Como representante da deusa, a mulher era comparada a terra numa analogia à geração da vida, fertilidade e fecundidade. Nesse período, os homens desconheciam seu papel na procriação e eram vistos apenas como provedores de alimentos para a tribo sendo, portanto, descartáveis (BARBOSA, 2001).

Para Zanchetta (1988, acesso em: 11 set. 2011),

Bem antes de venerar deuses masculinos, os antepassados do homem teriam adorado as deusas, cujo reinado chegou até a Idade do Bronze, há cerca de 5 mil anos. Não se sabe a rigor o exato significado

daquelas estatuetas, até porque pouco ou quase nada se conhece dos costumes dos homens pré-históricos. Mas não resta dúvida de que por um bom tempo as deusas reinaram sozinhas, deixando os poderes masculinos à sombra.

A grande revolução ocorreu no período neolítico, com o homem ainda cultuando a deusa-mãe, mas descobrindo que poderia ferir a terra e ali colocar sua semente. Com a domesticação dos animais descobriu que as fêmeas não poderiam procriar sozinhas (BARBOSA, 2001). A fabricação de armas inaugurou a mudança do período matriarcal para o patriarcal, diminuindo a veneração pelo sexo feminino.

De acordo com MURARO (1991, p. 8),

Na primeira etapa, o mundo é criado por uma deusa mãe sem auxílio de ninguém. Na segunda, ele é criado por um deus andrógino ou um casal criador. Na terceira, um deus macho ou toma o poder da deusa ou cria o mundo sobre o corpo da deusa primordial. Finalmente, na quarta etapa, um deus macho cria o mundo sozinho.

Nesse período politeísta iniciou-se o assemelhamento da mulher com a serpente que, pela mitologia grega, tinha poderes femininos e vivia tanto na água, quanto na terra. O mesmo é visto na narrativa de Sicuteri (1985) que relata que a primeira mulher

existente na terra, que não admitia submissão foi transformada em serpente. A história bíblica diz que Adão e Eva foram expulsos do paraíso após Eva ter seguido os conselhos de uma serpente e experimentado o fruto proibido. Tanto a mitologia grega como as escrituras sagradas tratam a serpente como um ser manipulador e cheio de poder de persuasão, assim como as mulheres.

Farinha (2009) coloca que a passagem para o patriarcalismo foi o resultado da ação de um deus assexuado que, pela história e pela psicologia, teria criado o mundo sozinho, em oposição à idéia da criação do mundo pela mulher. Nessa perspectiva, observa-se uma valorização da figura masculina que domina a natureza e exerce sua força no trabalho, e a desvalorização da figura feminina no ato de parir, considerando o mito cristão de que o “[...] homem é quem pariu a primeira mulher, por ela ter sido retirada da costela de um homem” (FARINHA, 2009, p. 11).

De acordo com Silva (2008), tanto nas escrituras bíblicas como na mitologia grega a mulher já era vista como figura negativa, responsável por trazer desgraças e calamidades para o

homem. No mito de Pandora, a mulher não resiste à curiosidade e abre a caixa onde estavam guardados os males do mundo, e nos relatos bíblicos Eva, da mesma forma que Pandora, desobedece às ordens e come o fruto proibido. Eva passa a ser considerada um ser pecaminoso, pois, por meio do seu poder de sedução, fez o homem cair em tentação (SILVA, 2008).

Ainda segundo a autora, Afrodite – conhecida na história da mitologia como a deusa do amor, possuidora de vários amantes humanos e divinos – também era tida como sendo causadora de perturbação por provocar desejos nos homens. Qualls-Corbertt (1990, p. 74) relata que “[...] a beleza é o componente principal; a nudez de Afrodite é glorificada. Ela é a única deusa a ser retratada nua em esculturas clássicas. O encanto de seu corpo feminino é adorado e adornado”. Afrodite é considerada por muitos historiadores como sendo a deusa da prostituição.

PROSTITUTAS SAGRADAS

Para que a mulher fosse considerada prostituta sagrada ela tinha que ser exoticamente bela, alta, boa e virgem. Seria a sacerdotisa sensual, que promovia através do sexo

a ligação do homem com as deusas e o amor (QUALLS-CORBERTT, 1990). As sacerdotisas só podiam iniciar sua arte no amor através de rituais praticados em templos sagrados e purificados. “Antes de adentrar nos espaços sagrados do templo era preciso purificar-se. A purificação implicava em se lavar, e o próprio santuário era varrido e espargido água. Incenso e outros elementos aromáticos eram também usados na purificação” (CARDOSO, 1999, p. 97).

Nesses rituais, segundo Schüssler (2010), acontecia o casamento sagrado, o hieros gamos, onde a sacerdotisa se deitava com o governante do estado para obter fertilidade, riquezas, manter a força do governante e fortalecer as conquistas do império. As sacerdotisas não eram obrigadas a praticar a prostituição, elas o faziam pela deusa e por livre vontade. Para Miles (1988, p. 58),

Esta prática que sempre ocorreu por todo Oriente Próximo ou Médio, é chamada “prostituição ritual”. Nada poderia degradar mais completamente a verdadeira função das *gadishtu*, as mulheres sagradas da deusa. [...] eram reverenciadas como a reencarnação da própria Deusa, celebrando seu dom do sexo que era poderoso, santo e precioso, que gratidão eterna lhe era devida dentro do seu templo. Ter relações com um desconhecido era a mais pura expressão da vontade da Deusa, e não acarretava qualquer

estigma. [...] pelo contrário, as mulheres santas eram sempre conhecidas como “as sagradas”, “as incorruptas” ou, como em Uruk na Suméria, nu-gig, “as puras ou sem mácula”.

A prostituta sagrada era uma mulher que, através de ritual formal ou de desenvolvimento psicológico, conseguia conscientemente conhecer o lado espiritual do seu erotismo, e vivia-o na prática, de acordo com suas circunstâncias. “É possível sentir certa presença em seu interior; uma combinação de alegria e felicidade. Ela é “uma-em-si-mesma”, livre dos confinamentos da convenção; vive sua vida de acordo com sua própria escolha” (QUALLS-CORBERTT, 1990, p. 95). Esse tipo de mulher pode ser encontrado em todas as esferas sociais.

Dentro de nossa compreensão moderna, é paradoxal ver a deusa como virginal, se ela é identificada com paixão e amantes múltiplos. Mas não há paradoxo; em latim, *virgo* significa solteira, enquanto que *virgo intacta* refere-se a falta de experiência sexual. Hoje em dia, a palavra “virgem” encerra apenas o último significado. O atributo virginal da deusa simplesmente significa que ela não pertence a homem algum; ela pertence a si mesma. (QUALLS-CORBERTT, 1990, p. 75).

A evolução da consciência masculina foi descaracterizando as sacerdotisas e a veneração pela grande mãe fica adormecida. A mulher

passa a ser submissa à figura masculina e a veneração à deusa é substituída pela veneração ao grande Deus criador (SCHÜSSLER, 2010).

CRISTIANISMO, SOCIEDADE E SEXUALIDADE FEMININA

De acordo com o cristianismo, a mulher foi criada para que o homem não ficasse sozinho. Nascida da costela de Adão, um ser puro e perfeito, passa a ser considerada parte do homem (ABUD, 2008). Na religião cristã a adoração à mulher é substituída pela adoração a Deus – se o cristianismo atribuiu à mulher a culpa do pecado, a sua redenção foi o enaltecimento de Maria mãe de Jesus Cristo, como exemplo a ser seguido por ser mulher pura, virgem, obediente e mãe. Maria é vista pela igreja como ser assexuado que engravidou de um Deus (CAMPOS, 2010).

A sexualidade, antes praticada em rituais mágicos, passa a ser condenada pela Igreja Católica, que estabelece que sexo só poderia ser praticado sem pecado depois do casamento, ficando proibidas as relações sexuais livres (FARINHA, 2009). Para o cristianismo o ato sexual destinava-se somente à procriação e nunca para o prazer, e quem buscasse

o prazer nas relações sexuais deveria ser queimado.

A mulher passa, então, a ser submissa ao homem, ficando impossibilitada de exercer qualquer atividade, principalmente dentro das igrejas, como relatado na seguinte passagem bíblica: “As mulheres estejam caladas nas igrejas. Não lhes é permitido falar, mas estejam submissas, como ordena a lei. Se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos, pois é vergonhoso que as mulheres falem na igreja”. (CORÍNTIOS 1:14, 34 a 36).

Nas Universidades as mulheres só poderiam ingressar se fosse de interesse da Igreja, ou seja, aquelas com vocação para ingressar nos conventos femininos e que fossem herdeiras ou donas de terras, se não, eram excluídas dos estudos (FREIRE; SOBRINHO; CONCEIÇÃO, 2006). Entrementes, a medicina se firma como uma prática somente dos homens que se posicionam contra o fato de mulheres atenderem a partos ou manipular ervas medicinais.

[...] a ciência médica passou a perseguir as mulheres que possuíam conhecimentos sobre como tratar do próprio corpo. Esse saber informal, transmitido de mãe para filha, era necessário para a sobrevivência dos

costumes e das tradições femininas. [...] mas essa atitude acabou deixando-as na mira da Igreja, que as via como feiticeiras capazes de detectar e debelar as manifestações de Satã nos corpos adoentados. (DEL PRIORE, 1997, p. 81).

Diante dessa perseguição contra o feminino, a mulher que expressasse desejo carnal ou tivesse orgasmo era tida como prostituta tendo parte com o demônio. Isso é atribuído aos rituais denominados “sabás”, onde se falava que as mulheres copulavam com os demônios e dançavam para eles (MURARO, 1992).

Definida como troca consciente de favores sexuais por interesses não sentimentais ou afetivos, criada por homens que compram e vendem a sexualidade feminina para seu benefício pessoal e seu próprio prazer (SOUZA, 2011; SANAHUJA YII, 2003) a prostituição atingiu seu auge na sociedade medieval como um escape para os desejos reprimidos tanto das classes baixas quanto das mais elevadas (CECCARELLI, 2008), ou seja, para que fosse preservada a virgindade da mulher até o casamento e os jovens tivessem como saciar seus desejos sexuais, a prostituição era aceita como um bem público por contribuir com a

paz mental dos jovens e proteger a honra das virgens (OLIVEIRA, (2008).

De acordo com a historiadora Maria Regina Cândido (2012), os primeiros bordéis foram criados durante o século VI na Grécia pelo legislador Sólon "[...] para que os estrangeiros não molestassem as esposas e filhas de cidadãos gregos". Esses bordéis eram administrados pelo Estado e as mulheres eram exploradas e tratadas como escravas (PEREIRA, 2008). De acordo com a autora, o aglomerado urbano favoreceu o crescimento da prostituição onde a mão de obra era barata e o sexo era mais barato ainda.

Em Roma dos séculos XIV e XV, a prática da prostituição era permitida e vista como uma profissão natural (BRASIL, 2003). Os romanos criaram um sistema de registro das prostitutas que as classificavam como meretrizes e prostitutas e, pela lei, só poderiam entrar nesse negócio as que fossem inscritas. As prostitutas consideradas de alto grau – dotadas de beleza e charme buscavam fortuna e se tornavam favoritas dos reis e príncipes – eram classificadas na primeira classe e as consideradas vulgares eram classificadas na segunda classe (BRASIL, 2003).

Como as mulheres que queriam fugir de casamentos se registravam como prostitutas foi necessário que o imperador aplicasse multas às moças solteiras em idade de casar-se por rejeitar os casamentos (PEREIRA, 2008).

Por serem consideradas as causadoras de doenças para os homens as prostitutas passaram a ser consideradas como algo impuro. Sob a influência de grandes doutrinadores como Santo Agostinho, as atividades sexuais viraram pecado grave e a prostituição caiu na clandestinidade (CECCARELLI, 2008).

PROSTITUIÇÃO NO BRASIL

Alguns autores relatam que a exploração sexual no Brasil teve início na época da colonização, com utilização de escravas índias e negras, sendo estas últimas não protegidas pelos padres como as índias o eram. (IDE, 2000).

De acordo com Reis (2006, acesso em: 14 nov. 2011) os homens preferiam saciar seus desejos sexuais com escravas negras.

A escravidão e a pobreza foram fatores marcantes na história brasileira, as mulheres negras eram rotuladas como escravas. Elas foram violentadas, castigadas severamente, obrigadas a manter

relações com os seus “donos” e também faziam os serviços domésticos sem nenhuma remuneração.

Algumas mulheres não escravas viam na prostituição uma forma de ganho rápido de dinheiro além de se tornarem autônomas e independentes sexual, emocional e economicamente. Esse status lhes propiciava, também, condições para participação em assuntos do universo masculino. Nesse contexto social e econômico, muitas mulheres se renderam à prostituição (BARBOSA, 2008).

Em pesquisa realizada pelo Serviço Social à Mulher Marginalizada (PONZI, 1999), calcula-se aproximadamente 7 milhões de mulheres se prostituindo no Brasil, com idades entre 9 a 65 anos, e estimativa de 500 mil meninas com menos de 18 anos de idade. O Brasil é o país da América Latina com maior número de prostitutas infantis. Reis (2006) coloca que em algumas regiões brasileiras os pais obrigam suas filhas a se prostituírem em troca de alimentos ou benefícios para o sustento da família e, com a promessa de casamento, muitas dessas meninas deixam suas casas e são levadas à prostituição por agenciadores.

Os homens que movimentam esse comércio apresentam, em geral, algum defeito físico, impotência no ato de alcançar prazer com mulheres fixas e timidez. Também fazem parte desse comércio mulheres que buscam saciar seus desejos com o sexo pago. Os locais utilizados pelas prostitutas são: boates, ruas, prostíbulo, casas de massagem entre outros mais. O comércio da prostituição também movimenta redes sociais da internet onde as profissionais do sexo oferecem seus serviços por meios de propagandas (REIS, 2006).

Atualmente as profissionais do sexo, em sua grande maioria, são mulheres comuns, uma vizinha, uma universitária, que encontram na prostituição o melhor meio para obtenção de seu sustento. Para preservarem o anonimato algumas se apresentam sob pseudônimos ou procuram fazer propagandas em revistas especializadas, classificados de jornais, internet e até na televisão (REIS, 2006).

Hoje, diferentemente do passado em que o cafetão é quem mandava e explorava as mulheres em troca de proteção, existem profissionais casadas tendo os maridos como seus protetores e

companheiros de ofícios (SOUSA, 2008).

LEGALIZAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO NO BRASIL

No ano de 1979, iniciaram-se no Brasil os movimentos organizados por prostitutas, numa área conhecida como Boca do Lixo, na cidade de São Paulo. Esses movimentos lutavam contra a violência da polícia a travestis e prostitutas (REDE..., 2008).

O marco na história da prostituição brasileira foi o I Encontro Nacional de Prostitutas realizado no Rio de Janeiro, em 1987, no qual foi criada a Rede Brasileira de Prostitutas (RBP), que tem como principal objetivo a legalização da profissão, combate ao preconceito, violência, estigma e resgate da autoestima dessas profissionais. Em 1992 foi criada a ONG Davida, também voltada para a defesa dos direitos dessas mulheres e a legalização da profissão.

Como consequência desses movimentos o Ministério do Trabalho e do Emprego incluiu a categoria *profissional do sexo* na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) instituída por portaria ministerial nº. 397 de 9 de outubro de 2002 (BRASIL, 2002). De acordo com a CBO 5198-05

profissional do sexo é assim definido (a):

Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Trabalhadores do sexo [que] buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam em ações educativas no campo da sexualidade. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidades da profissão. (BRASIL, 2002).

A legislação Penal Brasileira entende que o problema da prostituição não é um fator penal e sim social. Diante disso, não criminaliza a prostituição nem pune quem pratica ou procura essa prática (CECCARELI, 2008).

O Capítulo V do Código Penal, porém, considera crime punível com prisão induzir ou atrair alguém à prostituição, ou, ao contrário, impedir alguém de abandoná-la; criar ou manter casas ou locais para encontros libidinosos, havendo ou não intuito de lucro; tirar proveito da prostituição alheia; intermediar a entrada, o transporte, a transferência ou acolhimento no território nacional de pessoas que venham exercer a prostituição; facilitar a saída de pessoas para exercê-la no exterior. (CECCARELI, 2008, p.20).

Em 2003, o então deputado Fernando Gabeira apresentou projeto de lei nº 98, já arquivado, propondo a descriminalização da prostituição e o pagamento por prestação de serviços sexuais prestados, bem como a retirada dos artigos do Código Penal

228, 229 e 231, que tratam dos crimes de lenocínio, em que alguém é favorecido pela prostituição de outro. De acordo com Brito (2008) a intenção do projeto não é a de estimular a prostituição, mas de propor uma garantia futura de sobrevivência digna às pessoas envolvidas na atividade. O referido projeto ainda vai ser votado em plenário, porém não se tem uma data estipulada.

O segundo projeto de lei é o de número 4244/04 do Deputado Federal Eduardo Valverde, que visa regulamentar a prostituição e determinar seguranças de parcerias aos direitos dos trabalhadores, com registro na carteira de trabalho e direito a aposentadoria, assim como a obrigação de manter atualizado o atestado de saúde sexual (BRASIL, 2005).

Em relação aos projetos, muitas profissionais do sexo não são a favor, considerando que seriam mais exploradas e não gostariam do registro como prostituta na carteira de trabalho (BRASIL, 2003).

DISCUSSÃO

Na antiguidade, as prostitutas eram admiradas por sua beleza, arte de sedução, danças, cantos e

massagens e a essa mulher era dada uma conotação divina, que a ligava ao sagrado. (QUALLS-CORBERTT, 1990; MURARO, 1992; SCHUSSLER, 2010). A extinção dessa cultura se deu mais fortemente a partir do fortalecimento do Cristianismo, já no auge da Idade Média, sob imposição da igreja católica que considerava a prática sexual como uma praga social.

Na atualidade a prostituição é vista como um meio para que alguns homens possam saciar seus desejos sexuais, fantasias ou fetiches sexuais por acreditarem que não se podem compartilhar fantasias com as esposas, definidas como *mulheres de respeito* sendo a prostituta entendida como *mulher para prazer*, como bem lembra a frase de Nickie Roberts, citado por Pereira (2008, acesso em: 10 set. 2011): "As cortesãs, nós as temos para o prazer; as concubinas, para os cuidados de todos os dias; as esposas, para ter uma descendência legítima e uma fiel guardiã do lar".

Em relação às mulheres, entende-se que os motivos que as levaram (e levam) à prática da prostituição incluem o ato de ganhar dinheiro fácil e rápido, ou seja, um meio para conquistar independência financeira e autonomia.

Em contraponto, alguns autores acreditam que a prática da prostituição é consequência da migração do meio rural para o urbano com conseqüente crescimento desordenado das cidades, ou seja, as prostitutas são vistas como vítimas do sistema social vigente.

Existem dois projetos de lei que tramitam no Congresso Nacional para legalização da prática da prostituição e, embora tragam uma discussão atual, sofrem limitações por não levarem em conta certos aspectos relativos aos direitos das prostitutas como os previdenciários, a assistência médica e a educação das mesmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da prostituição demonstra um cenário complexo de ser analisado por um único prisma, sendo necessária uma visão aprofundada das várias vertentes que levam as mulheres a essa prática. Ou seja, as discussões sobre as motivações que levam à prostituição, apesar de acaloradas, ainda precisam de muita investigação científica para se chegar a conclusões mais precisas. Os motivos são variados e giram em torno da exclusão social, necessidades básicas de sobrevivência, políticas públicas, além da análise do papel

desempenhado pela mulher na sociedade.

A legalização e regulamentação da profissão, apesar de inserir as profissionais do sexo na segurança previdenciária, não são por si só objeto de descriminalização dessas mulheres. A segurança pode ser garantida por outros meios como classificação para contribuição previdenciária, por exemplo.

Por fim, a prática da prostituição pode ser considerada como consequência dos acontecimentos históricos e não se observa na atualidade uma modificação substancial da mulher prostituta desde as perdas iniciais apresentadas neste trabalho.

Considera-se que a prostituição estará sempre atrelada à moral, aos costumes e aos valores da sociedade patriarcal. A prática da prostituição foi e continua a ser um tabu, sendo os comportamentos de quem a pratica apontados como desviantes pelos que defendem o princípio da moral e dos bons costumes. A prostituta é vista com uma carga de preconceitos o que contraria a imagem de mulher sexuada e endeusada anteriormente na história.

Hoje, profissionais do sexo buscam na legalização uma dignidade

que parece utópica, mas que serve para uma constante reavaliação do papel da sexualidade na cultura e na história da humanidade.

REFERÊNCIAS

ABUD, Cristiane Castro Ramos. *Corpos e(m) imagens na história: Questões sobre as mulheres católicas do presente*. Santa Catarina: UDESC, 2008. Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <portal.pmf.sc.gov.br/.../06_12_2011_9.02.18...>. Acesso em: 25 out. 2011.

ARMSTRONG, Karen. *Breve historia do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BARBOSA, Neusa Helena Rocha. *O feminino e a questão ambiental faces da mesma moeda*. Trabalho de conclusão do curso de Educação Emocional do Instituto Koziner. Fortaleza, CE, 2001.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações - CBO. Profissionais do sexo. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5198>>. Acesso em: 12 maio 2011.

_____. Portaria nº 397, de 09 de outubro de 2002. Aprova a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO/2002, para uso em todo território nacional e autoriza a sua publicação. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/ResultadoOcupacaoMovimentacao.jsf>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

BRASIL, Jaime. *História da Prostituição: A Questão Sexual*. 2003. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/pauloapgaua/trab/prosti>>. Acesso em: 05 out. 2011.

BRITO, Márcio Roberto Andrade. *Prostituição no Brasil e Inclusão Social: Uma análise do Projeto de Lei Nº. 98, de 2003, sob o aspecto constitucional*. Disponível em: <<http://www.fesmpdf.org.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

CAMPOS, Andrea Almeida. As Bruxas retornam...Cacem as Bruxas! (um argumento para o controle histórico da sexualidade feminina). *Revista Espaço Acadêmico*, nº 104, jan. 2010.

CANDIDO, Maria Regina (Org.). *Mulheres na Antiguidade: Novas Perspectivas e Abordagens*. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, 2012.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Deuses, Múmias e Zigurats*. Porto Alegre: Edipurs, 1999.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição - Corpo como mercadoria. In: *Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4 (edição especial), dez. 2008.

DAVIDA. 2007. Site da “Davida: *Prostituição, Direitos Civis e saúde*. Disponível em: Rev. Cereus, v. 5, n. 2, p. 114-129, maio-ago./2013, UnirG, Gurupi, TO, Brasil

<<http://www.davida.org.br/>>. Acesso em: 01 nov. 2011.

DEL PRIORE, Mary. *Magia e Medicina na Colonia: o corpo feminino*. 2. ed..São Paulo: Contexto,1997.

FARINHA, Allyne Chaveiro. *Benzedeiras "Renovadas": uma Análise do Fenômeno de Demonização e Assimilação*. Trabalho de Conclusão do curso de historia aprovada pela Universidade Estadual de Goiás. 2009.

FREIRE, Mariza Scheffer; SOBRINHO, Vilma Pereira; CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique. A figura feminina no contexto da inquisição. *Revista Unioeste*, 2006. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/1003>>. Acesso em: 10 set. 2011.

GABEIRA, Fernando. 2003. *Projeto de lei 98/2003*. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/Prop_Detalhe.asp?id=104691>. Acesso em: 28 ago. 2011.

MILES, Rosalind. *A História do Mundo pela Mulher*. Rio de Janeiro: Editorial Casa Maria, 1988.

MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. 206p.

_____. Breve Introdução Histórica. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

OLIVEIRA, Terezinha. *Memória e História da Educação Medieval: Uma Análise da autentica habita e do Estatuto de Sorbonne*. UEM, 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT02-5430--Int.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2011.

PEREIRA, Patrícia. *Sociedade - As Prostitutas na História: De Deusas à Escória da Humanidade*. *Revista Leituras da História*. Disponível em: <<http://leiturasdahistoria.uol.com.br/ESLH/Edicoes/15/artigo119600-1.asp>>. Acesso em: 10 set. 2011.

PONZI, Lucas C. *Mulher e Prostituição em Caxias do Sul*, 1999. Disponível em: <http://members.fortunecity.com/ponzi/prostituicao>. Acesso em: 14 nov. 2011.

QUALLS-CORBETT, Nacy. *A prostituta sagrada: A face eterna do feminino*. Tradução: Isa F. Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1990.

REIS, Glenda Moreira dos. *Prostituição: Uma Visão da Historiografia Sobre a Presença Feminina nos Últimos Séculos*. UFMA, 2006. Disponível em: <www.outrostempos.uema.br>. Acesso em: 14 nov. 2011.

REDE BRASILEIRA DE PROSTITUTAS. 2008. Disponível em <<http://www.redeprostitutas.org.br/index.swf>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

SANAHUJA YII, Maria Encarna. *O cruel negócio da prostituição*. Disponível em: <http://74.125.95.132/search?q=cache:mUPWtrGFI68J:www.sof.org.br/publia/pdf_ff/43.pdf+prostitui%C3%A7%C3%A3o&cd=7&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 25 nov. 2011.

SCHÜSSLER, Regina. Sacerdotisas Sumérias. *Revista Historiador*, nº 01, ano 03, 2010. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador>>. Acesso em: 25 jul.2011.

SICUTERI, Roberto. *Lilith; a Lua negra*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

SILVA, Ariadne Moraes; *Devir-Esperança e as Representações na Cidade: Um paradigma ético / estético?* 2009. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/viewFile/3559/2621>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

SILVA, Natália Alves. *Prostituição: a legalização da profissão e a possibilidade do reconhecimento do contrato de trabalho*. 2008. Disponível em: <www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/direito/0003.html> Acesso em: 05 out. 2011.

SOUSA, Cinthya Barroso. *Trabalho e exploração: categorias de compreensão análoga para as travestis que atuam na prostituição do Setor Comercial Sul em Brasília*. Disponível em: <<http://bdm.bce.unb.br/handle/10483/1284>>. Acesso em: 11 out. 2011.

SOUZA, Francisca Elizabeth Nascimento de. *Prostituição e os Direitos Humanos. Sociedade e Cultura*, 2011. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

ZANCHETTA. Maria Inês. No princípio, eram as deusas. *Revista Super Interessante*. Ed. 11, agosto de 1988. Disponível: <<http://super.abril.com.br/superarquivo/1988/>>. Acesso em: 11 set. 2011.

Recebido em: 05 fev. 2013
Aprovado em: 09 jul. 2013